



RECENSÃO

Comprender Portugal,
de Carlos Taibo,
por Xerardo Pereiro

Análise Social, 218, LI (1.º), 2016

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt



TAIBO, Carlos
Comprender Portugal,
 Madrid, Los Libros de la Catarata, 2015, 272 pp.
 ISBN 9788483199817

Xerardo Pereiro

Este é um livro escrito por um politólogo galego, professor de ciência política na Universidade Autónoma de Madrid, no qual partilha o seu conhecimento íntimo, reflexivo e comparativo da complexa realidade social portuguesa. Neste mais do que recomendável livro, o autor mostra o seu apreço por Portugal, motivação fundamental para a sua escrita. O livro, que demorou quase 20 anos a ser escrito, tem como público-alvo os leitores espanhóis que, como bem afirma no prólogo, desconheçam Portugal em detalhe. Portanto, colmatar esta lacuna, alargando horizontes, é a missão deste trabalho erudito que traduz interculturalmente a complexa realidade histórica, social, cultural, geopolítica e económica portuguesa.¹

O livro, redigido em castelhano, tem por base não só a experiência vivencial subjetiva e próxima do seu autor, mas igualmente uma profunda e bem fundamentada revisão da literatura científica e literária escrita sobre Portugal. A publicação está estruturada em 5 capítulos, que abordam a geografia, a história, a literatura, a língua galego-portuguesa, as

relações com o Brasil, a cozinha portuguesa, o fado, o futebol e o estilo artístico “Manuelino” enquanto eixos diacríticos das identidades portuguesas. Sem fugir dos tópicos e lugares comuns, o autor tenta explicar como foram construídos, por quem e qual o seu sentido na ação social. Reconhece-se o esforço do autor na produção de um guia erudito para “turistas culturais” espanhóis, relacionando sempre Portugal com o seu vizinho ibérico peninsular, e particularmente com a Galiza.

No primeiro capítulo faz-se uma apresentação territorial e identitária de Portugal (uma sexta parte do território do Estado espanhol), o seu enquadramento entre o Atlântico e o Mediterrâneo, e a construção social da sua diferença com Espanha e da sua semelhança com a Galiza. O segundo capítulo aborda sumariamente a história de Portugal nos seus confrontos com o país vizinho, e nas alianças partilhadas face a outros inimigos comuns (ex. Contra-Reforma). Conclui questionando as causas do *ethos* imobilista português, algo mais do que discutível, e as suas semelhanças com o galego.

O terceiro capítulo foca a literatura portuguesa como objeto plural (literaturas portuguesas) e como campo de tensão entre Lisboa e o resto do

1 Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2013.

país. A sua passagem transversal por este tema, que relaciona com a música e o fado enquanto expressões culturais nacionais, questiona a interpretação que alguns portugueses fazem da literatura portuguesa como exercício de provincialismo (satélite intelectual de Madrid, Paris ou Londres), para a olhar sob outra perspectiva. Segundo Carlos Taibo, a literatura portuguesa tem mostrado uma grande capacidade para adquirir e assimilar influências estrangeiras, mas também para criar cosmopolitismo. O autor procede a uma revisão cronológica da literatura portuguesa desde os cancioneiros galaico-portugueses do século XIII até à literatura contemporânea de Fernando Pessoa, Agustina Bessa-Luís, José Saramago, entre outros. Ao longo da sua análise desconstrói tópicos como o *cliché* do fraco teatro ou o da alma portuguesa mesurada e cortês.

O capítulo quarto é o menos pacífico de todos, abordando um tema sempre controverso, o da língua de Portugal e da Galiza. Com uma abordagem muito rigorosa e esclarecedora para não especialistas, o capítulo começa por falar do esquecimento secular da Galiza em Portugal, de um conhecimento superficial em Portugal que reduz a Galiza (a Alsácia portuguesa, segundo Jaime Cortesão) a uma região espanhola. Apesar disso, o autor também reconhece que há hoje maior interconhecimento por causa do turismo e do comércio. Analisa os estereótipos cruzados entre Portugal e a Galiza, para mais tarde dar especial relevo à questão linguística propriamente dita. Neste ponto realça as

raízes comuns das duas línguas, o galego-português, originário do território da antiga Gallaecia, para logo focar os dois pensamentos dominantes no panorama atual: a) os que pensam que são línguas diferentes (diferencialistas e isolacionistas); b) os que pensam que são a mesma língua, ainda que não sejam exatamente iguais (os reintegracionistas).

Carlos Taibo dialoga, na sua análise, com muitos linguistas, indo além do disfarce ortográfico que exagera as diferenças entre galego e português e da surpresa que a fonética do galego causa em Portugal. Segundo o autor, o português padrão recebeu influência árabe, judaica e mozárabe; pelo seu lado, o galego castelhanizou-se mas não desapareceu ainda, resistiu e representa um *continuum* com o português de Portugal e de todas as regiões lusófonas. Todavia, a reprodução do galego foi feita em contacto colonial e substitutivo com o espanhol, pesando mais nas atuais normas oficiais galegas a referência ortográfica e normativa do espanhol do que a da língua “irmã”, o português. Isto obedeceu a interesses geopolíticos e não a argumentos filológicos de peso, como esclarece Carlos Taibo. O desfecho deste processo é o da progressiva substituição do galego pelo espanhol como língua de prestígio numa situação social de diglossia. De uma política eutanásica passou-se a outra homicida (Taibo, 2015, p. 176), o que acabou com sinais de identidade que ligavam a Galiza e Portugal.

Face a essa situação, o autor analisa neste capítulo a proposta do reintegracionismo linguístico galego-português,

e também as suas críticas, uma problemática que já tinha sido alvo de outra importante publicação do autor (De Nieves e Taibo, 2013). Esta secção do livro tenta elucidar os leitores espanhóis sobre a ligação da Galiza com a lusofonia (ou lusogalegofonia) e apresenta propostas filológicas para a intensificação desse vínculo entre os codialeto galego-portugueses, que envolvem uma comunidade de mais de 200 milhões de falantes. Como reconhece o autor, neste debate há quatro níveis que se entrecruzam: o da ortografia, o da língua, o da cultura e o da política.

No quinto capítulo, e último, o autor observa a mudança de valores sociais em Portugal condensada na trilogia dos três “F”: a trilogia do “fado, Fátima e futebol”, e a mais recente do “futebol, FMI e *facebook*”. Aqui o autor analisa a relação entre Portugal e Brasil, a cozinha portuguesa, o fado e outras músicas, o futebol português e o estilo artístico “Manuelino”. A partir de uma abordagem da geopolítica histórica, Carlos Taibo elucidam-nos sobre os encontros, desencontros e ignorâncias mútuas entre Portugal e Brasil. Hoje em dia residem no Brasil meio milhão de portugueses, os quais são vistos com frequência como pessoas solenes, tradicionalistas, religiosas, fechadas, pouco comunicativas. Em Portugal, a imagem estereotipada e redutora dos brasileiros traduz-se na representação destes como pessoas ignorantes, que falam mau português, e do Brasil como país corrupto, sectário, e instável do ponto de vista económico. Estes *clichés* têm outros complementares, mas o certo é que

Portugal perdeu para o Brasil o papel de guia da lusofonia.

O segundo foco de atenção deste último capítulo recai sobre a culinária portuguesa e sobre os hábitos alimentares em Portugal. Se somos o que comemos, os portugueses comem mais do que a média europeia fora de casa e gastam mais dinheiro em comida do que o resto dos europeus. Isso é uma realidade palpável no quotidiano, num país no qual há três vezes mais restaurantes (1 cada 131 habitantes) *per capita* do que no resto da União Europeia (1 restaurante cada 374 habitantes). Num país em que se aprecia o bacalhau e se comem cerca de 56 quilos de peixe por pessoa e por ano (22 na média da União Europeia), os portugueses falam mais de comida do que de política, futebol e da família, segundo o autor deste livro.

O terceiro foco deste capítulo incide sobre a música em geral, e sobre o fado em particular. Taibo explicita diversas facetas deste género musical, da sua utilização política pelo Estado Novo, e de como após o 25 de Abril lhe foram atribuídos novos usos e significados, com novos fadistas a reinventarem este género musical.

Fala ainda do futebol e do seu poder para criar identidades coletivas, e daquele que é considerado o estilo artístico nacional, “o manuelino”, mistura de gótico tardio com renascimento italiano e elementos pré-barrocos.

Entre os poucos pontos fracos da obra destacamos: a falta de análise do mirandês (asturiano-leonês) como segunda língua oficial de Portugal; a afirmação sobre

o escasso interesse pela Galiza do escritor transmontano Miguel Torga; a falta de análise sobre o papel do Duque de Bragança e do atual movimento monárquico em Portugal; a falta de análise do papel de Filgueira Valverde na assunção das normas diferencialistas do galego; a falta de uma pequena aproximação à normativa do galego-português das Astúrias Ocidental; também notamos a falta de diálogo com a importante obra do filólogo galego Elias Torres, que analisa a política educativa “homicida” em relação à língua galega; a abordagem do papel de cantores populares como Quim Barreiros, de grande sucesso também na Galiza rural; e, finalmente, o facto de não diferenciar as imagens de Eusébio, Figo, Cristiano Ronaldo e Mourinho e o que representam como arquétipos sociais portugueses contemporâneos.

De forma sumária e para concluir, podemos afirmar que estamos face a um excelente livro, com uma abordagem que pode contribuir para reduzir o etnocentrismo intercultural ibérico e contribuir para melhorar a compreensão da diversidade cultural de Portugal e da Península Ibérica. Pensado para um

leitor espanhol, consideramos que o seu valor e interesse vai mais além dessa intenção original, representando também uma mais-valia para Portugal e para o conhecimento dos portugueses relativamente aos modos como os outros olham para nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DE NIEVES, A. e TAIBO, C. (coord.) (2013), *Galego, Português, Galego-Português? Falam 56 Figuras da Cultura Galega*, Santiago de Compostela, Através Editora.
- TAIBO, C. (2010), *Parecia não Pisar o Chão. Treze Ensaios Sobre as Vidas de Fernando Pessoa*, Santiago de Compostela, Através Editora.

PEREIRO, X. (2016), *Recensão “Comprender Portugal, Madrid, Los Libros de la Catarata, 2015”*. *Análise Social*, 218, LI (1.º), pp. 200-203.

Xerardo Pereiro » xperez@utad.pt » Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Escola de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Economia, Sociologia e Gestão, Edifício do Pólo II da ECHS » Quinta de Prados — 5000-801-Vila Real, Portugal.
